

Maior cooperação Europeia na Defesa: Não é somente inevitável, como também benéfico para os governos e cidadãos

Por Jorge Domecq – diretor executivo da Agência Europeia de Defesa (AED)

Durante muito tempo tratada como um aspeto marginal da Política Externa e de Segurança Comum (PESC) a Defesa surge agora como uma das principais prioridades na agenda europeia. Em 2016, várias sucessivas iniciativas da UE e de Estados-Membros colocaram a defesa em primeiro plano.

Mais do que isso: numa altura em que os líderes europeus se preparam para reunir em Roma no dia 25 de março para o sexagésimo aniversário dos Tratados de Roma, num dos períodos mais desafiantes e turbulentos que a União já enfrentou, a defesa é apontada como uma área na qual o projeto europeu poderia ser revigorado com sucesso.

Partilho esta ambição, chegou a hora de tornar a defesa numa genuína questão de interesse europeu.

Sejamos honestos. Nós, europeus, não temos outra alternativa credível a não ser unir forças, refletir e tomar medidas quanto à segurança e defesa numa abordagem mais europeia, superando as fronteiras nacionais. As ameaças crescentes na nossa vizinhança, o futuro da nossa relação transatlântica e a revolução tecnológica em curso na escala global deveriam convencer até os mais cétricos de que, neste momento, a Europa não tem outra solução do que fazer mais e melhor pela sua própria segurança.

Em termos políticos, uma abordagem europeia mais cooperativa e mais forte no âmbito da defesa parece inevitável. Falando sem rodeios, a alteração da ordem global obrigará, mais cedo ou mais tarde, as nações europeias a unir-se e agir coletivamente, caso queiram continuar a poder proteger os seus interesses e os seus cidadãos.

No entanto, a pressão externa não deverá ser o único fator de ação. Na verdade, existem inúmeras outras razões mais práticas que mostram que uma melhor cooperação europeia no âmbito da defesa faria todo o sentido.

Mais que tudo, a questão orçamental.

Atualmente, o mercado europeu de defesa está seriamente fragmentado. Os orçamentos são planificados e gastos a nível nacional por 28 Ministérios da Defesa sem qualquer coordenação adequada. Trata-se de um processo dispendioso e, muitas vezes, leva à duplicação dos esforços e de gastos, uma vez que cada Estado-Membro tenta abranger todo o espectro das capacidades de defesa. Um melhor planeamento, aliado a aquisições conjuntas, agrupamento e partilha de capacidades de defesa, podem portanto, permitir controlar melhor as despesas militares e economizar grandes somas financiadas pelos contribuintes.

As estimativas(*) sugerem que os governos europeus poderiam poupar cerca de um terço (!) daquilo que gastam em equipamento militar, caso decidissem coordenar os investimentos. Estamos a falar de milhares de milhões de euros que poderiam ser poupados ou libertados para um investimento adicional a longo prazo.

Mas a relação custo-benefício não é a única vantagem. A interoperabilidade e o aumento da eficiência são também resultados igualmente importantes numa abordagem mais cooperativa nas despesas da defesa.

Em comparação com os Estados Unidos, as forças armadas europeias possuem demasiados diferentes tipos de equipamentos militares. Em 2016, por exemplo, os Estados-Membros da UE tinham 20 diferentes tipos de aviões de combate (em comparação com 6 nos Estados Unidos), 29 tipos de fragatas (face a 4 nos Estados Unidos) e 20 tipos de veículos de combate blindados (face a 2 nos Estados Unidos). O planeamento, aquisição e operação de meios numa perspetiva cooperativa contribuiria consideravelmente para uma melhor interoperabilidade das forças armadas dos Estados-Membros.

Desta forma, a agregação e partilha de recursos são fundamentais para garantir que as forças armadas europeias se tornem mais eficazes e interoperáveis e que o dinheiro dos cidadãos e contribuintes europeus seja utilizado da melhor forma possível.

Promover tal cooperação, estabelecer e desenvolver projetos cooperativos entre os Estados-Membros interessados, é a missão da Agência. Desde a sua criação em 2004, a agência tornou-se o *principal* centro para a cooperação no âmbito da defesa da UE com competências e redes de trabalho que não ficam atrás de nenhuma outra. A experiência demonstra claramente que, se os Estados-Membros tiverem vontade política para se envolverem seriamente nesta cooperação, a AED garantirá resultados.

Hoje em dia, num momento em que as linhas institucionais da UE entre a segurança interna e externa são cada vez mais ténues, vale a pena lembrar que os Estados-Membros, desde o início, sempre consideraram a AED a sua principal ferramenta e veículo para melhor cooperarem ao nível de defesa. De facto, é na AED que os governos dos Estados-Membros decidem em conjunto as prioridades em termos de desenvolvimento de capacidades de defesa e a melhor forma de as gerir. O apoio que a Comissão Europeia está disposta a fornecer através do recentemente adotado Plano de Ação Europeu de Defesa (PAED) é muito bem-vindo neste contexto.

Cooperação na defesa é necessária e urgente. Não podemos permitir que esta importante questão se arraste em debates políticos ou institucionais que não se focam no nosso objetivo comum: fortalecer a defesa europeia. Para tal, a Europa precisa de tirar o máximo partido das ferramentas que tem ao seu dispor. A AED é certamente uma delas.

A União Europeia encontra-se numa encruzilhada. Decisões ambiciosas e visionárias são necessárias para manter o projecto Europeu vivo e a florescer. Compete aos nossos líderes tomar essas decisões, em conjunto.

(*) *Munich Security Report 2017*

.....

Jorge Domecq é um diplomata espanhol e ocupa a posição de diretor executivo na AED, desde fevereiro de 2015. Anteriormente, foi Embaixador de Espanha na OSCE e nas Filipinas e ocupou

diversos cargos nos ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Defesa espanhóis, bem como na OTAN.

A Agência Europeia de Defesa (AED) é uma agência intergovernamental do Conselho da UE. Foi fundada em 2004 para ajudar os Estados-Membros no desenvolvimento de capacidades de defesa e na cooperação militar europeias, para estimular a investigação e tecnologia (I&T) e para fortalecer a indústria de defesa europeia. A agência está sediada em Bruxelas.